

Sem-terra invadem Porto Seguro e ameaçam festa

Protesto reuniu 3 mil pessoas. Eles passariam a noite na região e vão aguardar audiência com Raul Jungman. No dia 22, poderão ir para Cabralia, sede das comemorações pelos 500 anos

Os 3 mil sem-terra que marcharam ontem pelas ruas da histórica cidade de Porto Seguro, no litoral sul da Bahia, vão permanecer na região. À noite, após realizar um ato de protesto contra a violência no campo, realizaram o ato do fórum, eles retornaram a Eunápolis, que fica a quase 60 quilômetros de distância.

Eles ficarão em um acampamento às margens da BR-101, à espera de um encontro com o ministro Raul Jungman. No dia 22 poderão ir até Cabralia para participar das manifestações de protesto que estão sendo preparadas por organizações sindicais, indígenas e movimentos sociais, sob o nome de Outros 500.

A decisão de sair de Porto Seguro foi tomada após uma negociação de mais de quatro horas entre representantes do governo do Estado e dos sem-terra. De lá também participaram, por telefone, o governador e o senador Antonio Carlos Magalhães.

O principal objetivo dos trabalhadores rurais era obter uma audiência com o ministro Jungmann, na região do descobrimento, para debater a reforma agrária na Bahia. Como não foram atendidos, prometiam acampar na área de Porto Seguro ou então deslocar-se até Salvador, para juntar-se ao grupo que ontem ocupou a sede do Incra.

Ao final do encontro, ficou acertado que os sem-terra iriam deslocar-se até Eunápolis, onde aguardarão o ministro até o dia 21. "Ainda não decidimos o que

vamos fazer depois disso", disse Valmir Assunção, um dos principais líderes do MST no Estado. "Existe a possibilidade de participarmos dos atos de protesto, mas a decisão não foi tomada."

Durante o ato de protesto diante do fórum, os sem-terra exibiram 19 caixões funerários, para lembrar os mortos de Eldorado de Carajás. Tudo foi acompanhado por um extraordinário aparato policial, que mobilizou até um helicóptero da Polícia Rodoviária Federal.

Os índios não participaram do ato de protesto. Até a noite de ontem, as informações sobre a sua ausência eram desencontradas. O bispo dom Tomás Balduino, que é ligado ao Conselho Indigenista Missionário, disse que não se sabia se os ônibus com a caravana de representantes indígenas havia sido desviada do local pela PM ou se as lideranças haviam voltado atrás em sua decisão anunciada anteontem.

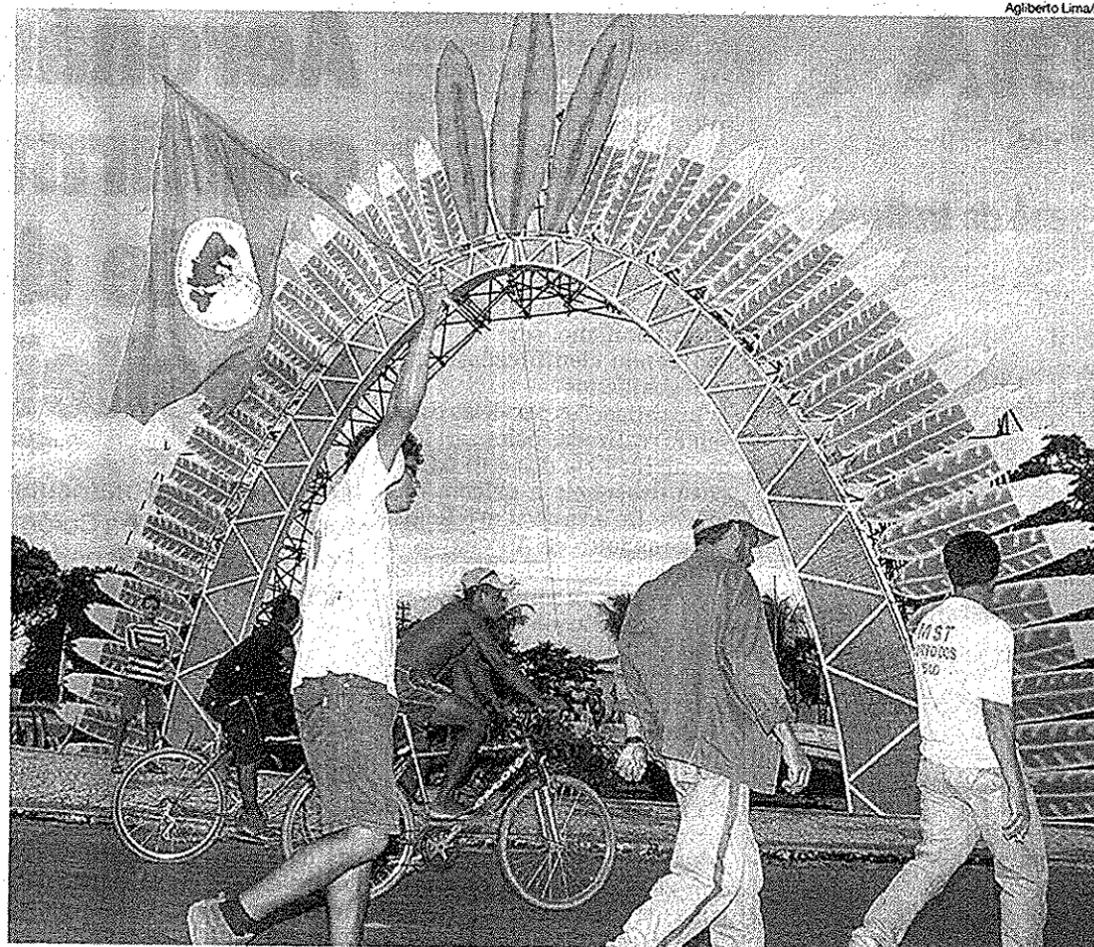
Evento indígena

Começa hoje em Coroa Vermelha a Conferência dos Povos Indígenas, que reúne 1500 representantes de diversos grupos espalhados pelo País. Até ontem, a maioria encontrava-se acampada ao pé do Monte Pascoal.

O presidente da Funai, Carlos Marés, foi cumprimentar e conversar com os índios. No final da manhã, eles realizaram uma caminhada simbólica até o topo do monte.

No domingo, após uma série de debates, os representantes indígenas anunciaram que participariam do ato dos sem-terra. Mas o grupo encontra-se claramente dividido. Uma parte defende atos de protesto vigorosos, para se opor às celebrações oficiais, enquanto outra propõe ações mais moderadas e que não se choquem com a programação do governo.

Roldão Arruda



CONCENTRAÇÃO: sem-terra chegam ao fórum de Porto Seguro para organizar protesto



CAIXÕES: no fim da tarde, manifestação em frente do fórum lembrou mortes de sem-terra



Mais índios chegaram a Porto Seguro. Mesmo com a posse de 1 milhão de km², pobreza continua

MST e índios vivem mundos diferentes

Os cerca de 330 mil índios do País em tese são donos de mais de 10% do território nacional, mas isso não resolveu seu problema

Os cerca de 330 mil índios brasileiros e os dezenas de milhares de filiados ao Movimento dos Sem-Terra vivem realidades diferentes. Os índios são em tese donos de cerca de 1 milhão de quilômetros quadrados do Brasil – o que corresponde à soma das 556 áreas indígenas do País (mais de 200 ainda por demarcar e algumas dezenas já demarcadas, mas enfrentando problemas de invasões), mas não resolveu a crônica pobreza em que vivem esses povos. Já os sem-terra, cujo número é variável, pois contam com o apoio de partidos de esquerda, como o PT, com cerca de 800 mil filiados, também diferem dos índios por constituírem um movimento organizado, enquanto os índios encontram-se pulverizados. Tradicionais ocupantes de áreas distantes, onde o branco não chegou, os índios enfrentam o desafio da economia de subsistência. Além do mais, a legislação penal considera inimizáveis os índios não incorporados à sociedade – o que não é o caso da maioria das tribos, mas dá ensejo a maior tolerância nos julgamentos de crimes comuns.